



VERÕES REPUBLICANOS NA CIDADE IMPERIAL

Janeiro começa já em pleno verão! Haverá praia para os que gostam de praia e calor para todos, os que gostam e os que não. Sem contar as chuvas de verão, rápidas e intensas, que podem estragar o dia e a vida de muita gente. Os antigos habitantes do Palácio do Catete tinham uma forma de lidar com as altas temperaturas na então capital federal: era comum que os presidentes da República fossem passar o verão em Petrópolis, na região serrana, por causa das temperaturas amenas. Este, aliás, era um hábito já cultivado pelas elites do Império. Na República, a partir de 1903, a residência oficial de verão da Presidência em Petrópolis foi o Palácio Rio Negro. O primeiro a utilizá-lo para tal fim foi Rodrigues Alves. Lá aconteceu o casamento de Hermes da Fonseca com Nair de Teffé em 1913. Mas de todos os presidentes da República, Getúlio Vargas foi quem mais frequentou o Rio Negro, passando lá todos os verões de seus governos (1930 a 1945, depois 1950 a 1954). Após a década de 1970, o Palácio Rio Negro só seria ocupado novamente pelo presidente Fernando Henrique Cardoso na década de 1990.

Atualmente, o Palácio Rio Negro é vinculado ao Museu da República, com o qual guarda vários pontos em comum. Ambos são museus dedicados a preservar a memória do regime republicano. Assim como o Palácio do Catete, o Palácio Rio Negro também foi construído no século XIX para ser residência de um comerciante de café, no caso, Manoel Gomes de Carvalho, o Barão do Rio Negro. Assim como o Catete foi sede do poder executivo federal, o Rio Negro foi sede do poder executivo do Estado do Rio de Janeiro, quando a capital corria risco de bombardeio naval durante a Revolta da Armada (1893-1894). Portanto, caso esteja em Petrópolis, aproveite para visitá-lo e conhecer mais sobre a presença republicana em plena cidade imperial. O Palácio Rio Negro situa-se na Avenida Koeller nº 255 e funciona de terça à sábado e feriados, das 10h às 17 h, com entrada franca.

E para quem não vai subir a serra, o Museu da República continua de braços abertos aos visitantes por mais um verão. Seja nas exposições do Palácio ou no gramado do jardim, há muito o que fazer e ver nessa época de calor e férias escolares. Para as crianças, haverá mais uma edição da colônia de férias. Muitas outras atividades para todas as idades podem ser conferidas abaixo na nossa agenda. Lembrando que, durante a vigência do horário de verão, o jardim do Museu ficará aberto até às 19h30.



Getúlio Vargas (de terno escuro, ao centro) caminhando entre dois homens não identificados, no portão do Palácio Rio Negro, Petrópolis, RJ. Sem data. Acervo Museu da República.

PESQUISA E TEXTO: Paulo Celso Corrêa



Getúlio Vargas (em primeiro plano), de terno e chapéu descendo a escadaria da Catedral de São Pedro de Alcântara, nas proximidades do Palácio Rio Negro em Petrópolis, RJ. Sem data. Acervo Museu da República.

Muitas outras atividades para todas as idades podem ser conferidas abaixo na nossa agenda. Lembrando que, durante a vigência do horário de verão, o jardim do Museu ficará aberto até às 19h30.



Cena do casamento do presidente Hermes da Fonseca com Nair de Teffé, em 8 de dezembro de 1913. Revista Fon-Fon, dezembro de 1913. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

PESQUISA E TEXTO: Paulo Celso Corrêa

A NOITE DE 24 DE JANEIRO - A REVOLTA DOS MALÊS

Na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835, na cidade de Salvador, capital da Bahia eclodiu uma rebelião de escravos africanos de origem islâmica – a Revolta dos Malês. A palavra “malê” tem origem no termo “imalê”, que significa “muçulmano” no idioma iorubá.

A revolta foi organizada por centenas de africanos negros falantes da língua iorubá e em menor número por integrantes do grupo étnico chamado haussás. Na Bahia, os falantes de iorubá, eram conhecidos como nagôs, eles professavam a religião do Islã e fizeram o registro dos acontecimentos principais do levante, pois liam e escreviam na língua árabe.

Nessa década de 1830, Salvador tinha uma população de 65.500 habitantes, sendo que 40 por cento deles eram escravos e 63 por cento desses cativos eram nascidos na África. Os escravos e homens livres que eram afrodescendentes representavam 78% da população e os brancos perfaziam apenas 22%.

Os revoltosos exerciam vários ofícios urbanos como alfaiates, barbeiros, pedreiros, sapateiros, carregadores, pescadores o que lhes concedia liberdade de movimento pela cidade com acesso a diferentes localidades e facilitava a comunicação e encontro em grupos de trabalho que foram importantes para a organização da revolta. Eles trabalhavam para seus senhores ou eram “negros de ganho” que eram escravos que entregavam certa quantia diária ou semanal para seus senhores e que podiam comprar sua alforria, com suas economias, tornando-se libertos, depois de muitos anos.

Em Salvador, 25% da população africana eram compostas por libertos e parte deles trabalhava e vivia com os escravos desenvolvendo laços de solidariedade que serão fundamentais nas táticas e estratégias da rebelião.

A revolta deveria eclodir nas primeiras horas do dia 25 de janeiro, mas os rebeldes foram denunciados e o presidente da província da Bahia avisou as forças policiais e os juízes de paz. Na Ladeira da Praça os soldados invadiram uma casa e lutaram contra sessenta africanos malês que depois se dirigiram à Câmara Municipal, para tentar libertar um líder malê escravo, mas o ataque à prisão não foi bem-sucedido e o grupo foi surpreendido pelos carcereiros e pela guarda do palácio do governo, localizado na mesma praça.

Os rebeldes passaram por várias localidades encontrando outros grupos amotinados e a última batalha aconteceu em Água de Meninos, local de um quartel de Cavalaria, onde os malês lutaram e foram massacrados pelas forças militares.

Os revoltosos malês receberam diversos tipos de punições: prisão; prisão com trabalho obrigatório; pena de açoite; pena de morte e deportação para a África. A pena de morte foi decretada a dezesseis acusados, mas doze conseguiram sua comutação e quatro foram executados por um pelotão de fuzilamento no Campo da Pólvora, em 14 de maio de 1835.

A cidade de Salvador ficou em estado de alerta e o medo de novas rebeliões escravas persistiu durante muitos anos e se espalhou pelas demais províncias do Brasil, com difusão de notícias nos jornais do Rio de Janeiro, capital do Império, e aumentou a vigilância e repressão sobre a população escrava.

Em longo prazo, a rebelião mostrou que os escravos e libertos africanos lutaram com variadas formas de resistência para conquistar a liberdade, contra o regime escravocrata.

BIBLIOGRAFIA:
REIS, João José. A revolta dos malês em 1835. Disponível em [smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a revolta dos males.pdf](http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a%20revolta%20dos%20males.pdf)

PESQUISA E TEXTO: Carla Costa

EXPOSIÇÕES

GABINETE REPUBLICANO DE HISTÓRIAS CONTROVERSAS, NÃO DITAS E MAL DITAS

A história da república brasileira pode ser lida como um grande e sempre aberto gabinete de histórias sobre a história da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 a partir de documentos, fotografias e outros itens do acervo da Coleção Memória da Constituinte, do Museu da República. Produzida por alunos do Colégio Pedro II a partir de uma parceria entre a escola e o museu.

Local: Palácio do Catete
Horário: de terça a sexta-feira, das 10h às 16h
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h30min
Realização: Museu da República

QUIMERA

A Galeria do Lago abre as portas de 2019 com a exposição Quimera, que reúne três gerações e quatro artistas. Com curadoria Quimera, que reúne três gerações e quatro artistas. Com curadoria Quimera, que reúne três gerações e quatro artistas.

Local: Galeria do Lago
Visitação: 27 de setembro a 2 de dezembro
Horário: De terça a sexta, das 10h às 17h
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h30
Realização: Galeria do Lago/Museu da República

A PRIMAVERA BRASILEIRA: O POVO NA CONSTITUIÇÃO

Exposição de banners sobre a história da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988 a partir de documentos, fotografias e outros itens do acervo da Coleção Memória da Constituinte, do Museu da República. Produzida por alunos do Colégio Pedro II a partir de uma parceria entre a escola e o museu.

Local: Jardim
Horário: todos os dias, das 8h às 19h30
Realização: Museu da República

ESCOLA E MUSEU: CONSTRUINDO SENTIDOS

Exposição coletiva dos alunos do colégio Amaro Cavalcanti, onde o público é convidado às linhas e entrelinhas de poesias e reflexões presentes em objetos pessoais. Criatividade, sustentabilidade, escritas e reescritas, propõem resignificar os caminhos da escola, se encontra com o museu e redimensiona tais espaços. Direito à educação e direito à moradia, direitos estes básicos para a construção da cidadania que estiveram na alma da juventude no alvorecer da nova república e o sentido da Constituição de 1988.

Local: Palácio do Catete
Horário: de terça a sexta-feira, das 10h às 16h
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h30min
Realização: Museu da República

MUSEU NACIONAL VIVE – CARLOS LATUFF NO MUSEU DA REPÚBLICA

As comemorações serão luto 200 anos do Museu Nacional transformaram-se em pelo após o incêndio que o destruiu, em 2 de setembro de 2018. Comemorar agora significa rememorar, trazer à memória a história do museu, recuperá-la dos escombros para que ela continue viva.

A iniciativa apresenta as lembranças de um Latuff menino e morador de São Cristóvão que, levado ao Museu Nacional por seu pai, desenhou itens de um acervo que era motivo de encantamento, principalmente entre as crianças.

Local: Palácio do Catete
Horário: de terça a sexta-feira, das 10h às 16h
Sábados, domingos e feriados, das 11h às 17h30min
Realização: Museu da República

***No caso de exposições no Palácio do Catete, a entrada de visitantes é encerrada 30 minutos antes do fechamento do Palácio.**



Exposição Quimera. Da esquerda para a direita: Tripé, 2014; O bocudo, 2014. Tinta acrílica e madeira. Cícero Alves dos Santos e Véio.



AGENDA JANEIRO

MUSEU DA REPÚBLICA

SERESTA NO MUSEU DA REPÚBLICA

Evento interativo, participativo e aberto ao público, organizado pelos frequentadores do Museu.

Local: Pátio interno próximo à Silveira Martins
Horário: das 17h às 20h (de terça a sexta-feira)
Das 15h às 18h (sábados e domingos)

MAIS SERESTA NO JARDIM DO MUSEU DA REPÚBLICA

Evento aberto ao público, realizado há 22 anos e organizado pelo seresteiro Gilmar Santoro.

Local: Jardim, próximo ao chafariz e aleia do Coreto
Todos os domingos
Horário: das 15h às 17h30

DIAS 7 A 11

COLÔNIA DE FÉRIAS DO MUSEU DA REPÚBLICA

Brincadeiras, oficinas, artes plásticas, visitas ao museu, para crianças de 8 a 10 anos.

Informações: Setor Educativo, (21) 2127-0324.
Local: Espaço Educação
Horário: das 9h às 18h
Realização: Museu da República

DIAS 12, 19 E 26

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA PRETA

O curso tem por objetivo ampliar a discussão sobre os efeitos do racismo nas subjetividades negras, bem como instrumentalizar psicólogos (as) para a escuta e o acolhimento das questões dos pacientes a partir do atravessamento racial, pensar o cuidado em saúde mental para negros e negras e criar estratégias de promoção de saúde e de cura dos impactos do racismo sobre o psiquismo negro.

Local: Espaço Educação

Horário: das 10h às 13h

Realização: Lucas Veiga

DIAS 26 E 27

FEIRA JUNTA LOCAL

A Junta Local tem como proposta aproximar pequenos produtores e o público, utilizando a gastronomia como ferramenta de transformação social e conscientização, juntando comida e cidadania.

Local: Estacionamento

Horário: das 10h às 20h

Realização: Junta Local

Setor de Comunicação: Isabela Borsani, Jorge Granja.Estagiária: Ana Reis.

Setor Cultural: Daniela Matera e Luiz Carlos Dias.